

ESPAÇO E SENTIDOS: UMA TOPOANÁLISE DE “VILA DOS CONFINS”

SPACE AND SENSES: A TOPOANALYSIS IN “VILA DOS CONFINS”

ESPACIO Y SENTIDOS: UNA TOPOANÁLISE DE “VILA DOS CONFINS”

*Lásaro José AMARAL**
*Oziris BORGES FILHO***

Resumo: O presente artigo faz uma análise do espaço da fuma descrito na obra “Vila dos Confins” (1974) de Mário Palmério. Analisa também o caminho que o Padre Sommer, juntamente com os companheiros, percorre até chegar à mesma. Para tal análise, será utilizada a metodologia da topoanálise. Os espaços em que o religioso atua na caçada à onça, bem como o local onde este acua e mata a jaguarana fornecem um valioso conjunto de representações espaciais carregados de efeitos de sentido. O Sertão dos Confins conduz os atos e acontecimentos narrados na trama de forma a propiciar as ações das personagens. Os estudos teóricos de Bachelard (2013), Borges Filho (2007), entre outros, proporcionarão uma melhor compreensão, no que tange às características do espaço na obra literária.

Palavras-chave: Espaço; Sentidos; Topoanálise; Fuma; Vila dos Confins.

Abstract: This article analyzes the space of the cave described in the work “Vila dos Confins” (1974) written by Mario Palmerio. It also analyzes the way that Father Sommer, along with his fellows, travels in search of this cave. For this analysis, it will be used the Topoanalysis methodology. The spaces in which the religious man pursues in the hunt of the jaguar as well as the place where he corners and kills the Jaguarana provide a rich set of spatial representations entrenched with meaning effects. The Heath of Confins leads the actions and events described in the plot in order to have an effect on the actions of the characters. Theoretical studies of Bachelard (2013), Borges Filho (2007), among others, will provide a better understanding regarding the characteristics of space in this literary work.

* Mestrando em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão. Professor de Língua e Comunicação da Faculdade Cidade de Coromandel - FCC. Bolsista da FAPEG. Contato: professornetinho@hotmail.com

**Doutor em Estudos literários. Professor do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da UFG/Regional Catalão. Professor de Teoria da Literatura da UFTM. Contato: oziris@oziris.pro.br

Keywords: Space; Senses; Topoanalysis; Cave; Vila dos Confins.

Resumen: En este artículo se analiza el espacio de la cueva se describe en la obra de “Vila dos Confins” (1974) Mário Palmério. También se analiza la forma en que el Padre Sommer junto con su compañero viaja para llegar a ella. Para este análisis, el uso será la metodología de topoanálise. Los espacios en los que los actos religiosos en la caza a onza y el lugar donde este acapara y mata Jaguarana proporcionan un rico conjunto de representaciones espaciales cargados de efectos de sentido. La zona de influencia de Confins conduce las acciones y acontecimientos descritos en la trama con el fin de ofrecer las acciones de los personajes. Los estudios teóricos de Bachelard (2013), Borges Filho (2007), entre otros, ofrecerán una mejor comprensión, con respecto a las características del espacio en la obra literaria.

Palabras clave: Espaço; Sentidos; Topoanálise; Cueva; Vila dos Confins.

Introdução

O romance “Vila dos Confins” (1974) do autor mineiro Mário Palmério apresenta várias micronarrativas dentro da narrativa principal. A trama apresenta lugares inóspitos, como uma furna¹ localizada no mato virgem às margens do rio Urucanã. É nesse espaço que o padre-caçador vive uma aventura radical ao lutar com um animal forte e perigoso: uma onça-preta.

O padre Sommer chega de suas viagens pelo Sertão dos Confins, depois de muito tempo embrenhado na mata. Após encontrar com amigos e fiéis da igreja na Vila dos Confins, recebe a notícia de que o amigo e deputado Paulo Santos encontra-se na fazenda de Seu Sebastião, recuperando-se de uma maleita, uma doença que podia levar à morte. Segue com os amigos para a fazenda, a fim de pelo menos encontrar o deputado com vida e fazer uma oração para o mesmo. Na fazenda, encontra Paulo Santos já em bom estado de saúde. À noite, todos que se encontravam na cozinha do casarão, atentos como em uma missa, ouviam a história de aventura e heroísmo do padre. O religioso-aventureiro conta com detalhes, um assalto que uma onça-preta fez ao acampamento, em que acabou levando um jumento que ajudava a carregar a tralha. Segue, então, no outro dia, os rastros da

¹ De acordo com o “Dicionário Eletrônico Houaiss” (2009), pode-se definir furna como “cavidade profunda na encosta de uma rocha, floresta etc.; caverna, gruta, cova”.

onça com dois cachorros treinados para tal função e acaba encontrando a jaguarana em uma furna. O padre entra na toca, encontra a onça e a mata com uma arma chamada zagaia.

Assim, este artigo analisa a construção espacial da furna, bem como do caminho que o padre e os companheiros percorrem até a mesma. Para tanto, utilizaremos a metodologia da topoanálise. As ideias de Bachelard (2013), Borges Filho (2007), entre outros, nortearão nossa pesquisa. O objetivo é analisar os sentidos presentes na relação personagem-espaço bem como identificar e analisar as características do mesmo.

A furna

A narração de “Vila dos Confins” é construída em diferentes espaços nos quais as ações se desenrolam. A balsa, o rio Urucañã e as fazendas têm relevância bastante acentuada na obra, mas a furna chama a atenção pelo efeito de sentido bastante eloquente apresentado por um dos personagens, a saber, o padre Sommer. Esse lugar misterioso participa do importante desfecho nas histórias do pároco. O espaço aberto do cerrado também conduz os fatos da narrativa, uma vez que é percorrido rio acima e nesse caminho acontece o ataque da onça-preta ao acampamento. Com o intuito de chegar às ruínas do garimpo, o religioso acaba encontrando outro tesouro. Trata-se de uma aventura travada entre ele e um animal feroz, a onça-preta, desde a procura até o embate final, cujo prêmio é a pele do próprio animal que o padre apresenta na vila, concomitante à história que conta com eloquência heroica da luta. Nesse contexto, faz-se necessário a observação de como o espaço literário pode determinar as ações futuras de uma narrativa a partir do sentido que direciona o acontecimento dos fatos.

Os fatos mencionados dizem respeito à luta do padre Sommer com uma onça-preta que ele encontra quando, ao passar a noite em um acampamento, o animal ataca o local em busca de comida e acaba tomando por vítima um dos jumentos que carregava a tralha dos aventureiros durante a viagem. Trata-se de uma narrativa dentro de outra narrativa, portanto, uma narrativa hipodiegética ou narrativa enquadrada. Ao apresentar essa forma de técnica de narrativa, outro narrador, e agora não o protagonista Paulo Santos, dá vida à história

que se passa no meio do mato e que alonga o tempo da narração. É importante salientar que

[...] todo o texto narrativo implica a mediação de um narrador: a voz do narrador fala sempre no texto narrativo, apresentando características diferenciadas em conformidade com o estatuto da *persona* responsável pela enunciação narrativa, e é ela quem produz, no texto literário narrativo, as vozes existentes no texto – vozes de eventuais narradores *hipodiegéticos* e vozes de personagens (AGUIAR E SILVA, 2010, p. 759, grifos do autor).

O que se verifica nesse caso é a voz narrativa do padre Sommer e não necessariamente a voz narrativa do protagonista Paulo Santos, uma vez que o texto é narrado em primeira pessoa. Dessa forma, na história da luta entre o religioso e o animal, não é mais o político que conta o fato, mas uma personagem que assume a ação nesse determinado momento.

Tendo isso em vista, pode-se considerar o que conclui Aguiar e Silva (2010), pois, acontece o alongamento do tempo da narração, de modo que o narrador instaura uma espécie de narrativa segunda e a enxerta na diegese primária, ou seja, uma história dentro da história.

A função do espaço, nesse sentido, é de situar a personagem no contexto espacial em que a ação se desenrola e fazer com que ele tenha a percepção do local para movimentar-se. Uma questão muito intrigante é como essa percepção dos sentidos faz com que a personagem se dimensione e se localize dentro da furna: alternadamente, pelo cheiro, o padre consegue perceber se a onça está ou não dentro do buraco. Como as cores também são determinantes na produção de sentido, a cor preta e a escuridão desse lugar representam o desconhecido e o perigo daquilo que não é visto, considerando-se ainda que a cor predominante da onça a deixa invisível em consonância com a furna: ela também é preta. Outra questão muito importante no estudo do espaço literário é o espaço linguístico utilizado na obra, assim palavras como “cova” e “loca escura” representam bem as dificuldades e os perigos de acesso ao local.

Já na batalha com o animal, nota-se a exata noção de distância do padre Sommer em relação ao felino, quando descreve o formato dos olhos da onça na tentativa de hipnotizá-lo. Altura e largura são descritas demonstrando como as coordenadas espaciais relacionam-se

e contribuem para o encadeamento das ideias, e é dessa forma que ao entrar na furna, o caçador procura a onça: consciente de que, pelo peso e agilidade da jaguarana, seria impossível sobreviver a um ataque de cima para baixo.

Vasculhei toda a gruta, palmo a apalmo: primeiro pelo alto, prevenindo um salto traiçoeiro. Não ficou uma saliência, uma rachadura na pedra, sem vistoria. E nada! Teriam os cachorros se enganado e seguido um rastro velho? Haveria outra saída por onde escapara a onça preta? Examinei tudo de novo, sempre de costas para a parede de pedra sem sair do lugar. O fedor de carniça continuava, e eu não via nenhum osso, nenhum resto de bicho morto. Misterioso aquilo (PALMÉRIO, 1974, p. 87).

O padre faz uma varredura na furna a fim de encontrar a onça. Primeiro a procura pelo alto, pois sabe que o felino é traiçoeiro e que, se o animal utiliza-se de traição, pode atacar o adversário sem ser percebido. O caçador também tinha sua técnica de segurança. Procurava pela onça com as costas no paredão de pedra de forma que nada o atingisse por trás. O espaço fazia-se misterioso à medida que padre Sommer não encontrava nenhum resto de animal, apenas ossos que a onça não conseguia devorar ficavam espalhados pela furna. A gruta apresentava outra dificuldade: as rachaduras na pedra podiam esconder a onça-preta.

A furna e a percepção dos sentidos

Pela narrativa de Palmério (1974), tem-se a exata noção de como a percepção dos sentidos condicionam a sequência de fatos em um determinado lugar de uma obra literária. Sabe-se que a visão é um dos principais sentidos e que, por meio dela, as personagens localizam-se dentro do espaço apresentado pelo narrador. Entretanto, esse é um dos sentidos em que o padre Sommer não pode confiar, pois a furna é cheia de obstáculos. Além de ser muito profunda, é também muito escura, o que prejudica a visibilidade, tornando a ação ainda mais difícil e perigosa. Nessa perspectiva, todos os sentidos têm fundamental importância nos atos desempenhados pelo religioso dentro do buraco. Segue então a premissa de que a entrada na furna já apresentava grandes dificuldades:

Com a lanterna acesa e amarrada no cabo da zagaia, entrei de joelhos no buraco. Mas a abertura era só no começo: à medida que eu ia entrando, a caverna se alargava e ficava mais alta, permitindo que eu caminhasse de pé. Fui indo, fui indo, a luz da lanterna clareando o buraco, até que cheguei a uma espécie de salão grande como esta sala (PALMÉRIO, 1974, p. 98-99).

Mediante a leitura desse excerto, constata-se que a furna era cheia de desafios e mistérios, desde sua entrada, que era muito estreita e de difícil acesso. Nota-se que a personagem precisou entrar de joelhos, uma referência bem comum para um religioso, pois, ficar de joelhos, isto é, aproximar-se da terra, do chão, do *húmus* é, naturalmente, um ato de humildade, devoção e respeito. Após essa passagem, com dificuldades, a personagem adentra em um local grande que se assemelha a uma sala, local semelhante ao que o padre-caçador contava a sua história de bravura e heroísmo na caçada da fera, a onça-preta, a mais brava e perigosa do Sertão dos Confins. Ao ouvi-lo, as pessoas do lugar até achavam que a existência desse felino se tratava de “causos de caçador”. O fato é que, até esse momento, o padre conta que a visão ainda era perfeita, portanto, não havia tanta necessidade do uso dos outros sentidos para a aferição do espaço. Mas como já havia sido avisado que a cova era cheia de obstáculos e, também, porque havia vasculhado todo aquele salão anteriormente, já sabia que seria necessário usar outro sentido para tentar perceber se a onça estava ou não por perto.

O gradiente sensorial do olfato é utilizado pelo padre que, por meio dos cheiros presentes no lugar, ou melhor, dos maus cheiros, tenta encontrar o animal. Se sabe que esses felinos costumam caçar suas presas e mantê-las em um determinado local para se alimentar durante alguns dias, por isso exalam um odor sempre muito forte, assim como se pode perceber na afirmação do narrador: “a catinga de carniça tinha apertado, um bafo podre que chegava a provocar ânsia de vômito” (PALMÉRIO, 1974, p. 86).

Além da visão e do olfato, há ainda mais três sentidos que devem ser considerados em uma obra literária, na busca da compreensão de seus efeitos de sentido. São eles: audição, tato e paladar. Para Borges Filho (2007, p. 69) “O ser humano se relaciona com espaço circundante através de seus sentidos.” Assim, quanto mais

difícil de usar o gradiente sensorial da visão, mais complicada se torna adentrar na furna. Faz-se necessário então o uso das demais formas de percepção do local onde se encontra a personagem. Na passagem que segue, fica claro o uso do tato, do olfato e da audição:

Esquisita, mesmo, aquela loca! Nem um rosnado, nem um sinal de vida da onça; só o barulhinho da água a pingar da parede. A catinga aumentava cada vez mais, e nem me deixava respirar direito... Dei mais um passo, mais outro, e de repente a coisa trovejou. Não sei se por causa dos ecos provocados pela passagem torta em forma de túnel, ou se por causa do imprevisto ou do medo que eu já sentia, o fato é que o miado da jaguarana foi o gemido mais furioso, mais agoniado que eu já escutei em toda a minha vida (PALMÉRIO, 1974, p. 99-100).

É a união de todos os sentidos que faz com que o padre Sommer procure incansavelmente pelo animal e obtenha êxito ao encontrá-lo escondido bem no fundo da furna. Talvez se a personagem não pudesse contar com todos os seus sentidos, o desfecho final da narração seria diferente. É importante salientar também que foi a luz da lanterna que o ajudou a encontrar a onça, uma vez que, assim, foi possível ver os olhos do animal refletirem no foco que disparava. Além disso, a cor da onça dá intensidade ao perigo que o ato dispensava, e dentro de um buraco escuro, só mesmo pelo olfato e pela audição para percebê-la. Desse modo, o padre se mantém a uma distância segura para não ser atacado de surpresa pelo animal feroz. E essa percepção do espaço faz com que o embate aconteça de forma lúcida pelo Padre alemão. Como não é uma luta entre dois seres da mesma espécie, o ser humano tem que usar diferentes recursos para enfrentar o felino e tentar vencê-lo.

A furna apresenta-se de forma claustrofóbica à personagem do padre Sommer. Desse modo, pode-se entender que,

[...] quando o espaço se aproxima do nefasto, temos a topofobia. No campo semântico da topofobia encontramos, entre outras situações, a **claustrofobia** e a **agorafobia** que definem antiteticamente algumas das relações topofóbicas com o espaço (BORGES FILHO, 2007, p. 158-159, grifos do autor).

Quanto mais o aventureiro entra na toca, mais esta se torna escura, levando-o a preocupar-se com o que lhe espera. Ele começa até a sentir dificuldades para respirar, pelo fato de que a catanga era percebida com frequência e cada vez mais forte. Nesse contexto, observa-se que a percepção que o religioso tem nesse instante o leva a um sentimento de medo da morte. Para o padre Sommer,

A catanga aumentava cada vez mais, e nem me deixava respirar direito. Cheguei a vacilar, que avançar mais já me parecia ser mesmo uma temeridade, uma ofensa a Deus, como havia dito o Cearense. E se a lanterna se apagasse? E se eu escorregasse naquele chão visguento de lodo? Confesso a vocês que comecei a sentir medo, e eu sabia que o medo queria dizer morte certa. Voltar era impossível; ficar parado esperando pela onça, loucura pior ainda, que a lanterna acabaria se apagando. O remédio era acabar o começado, fosse lá o que Deus quisesse (PALMÉRIO, 1974, p. 87).

A toca é percebida de diferentes formas pelas dimensões que são descritas. Observa-se que, o medo começa a tomar conta do padre Sommer, quando sente o espaço fechado e a proximidade do animal. Lembra o que o amigo de acampamento o havia aconselhado, mas já não há mais outra opção a não ser enfrentar. Dentro da toca, a sensação de claustrofobia leva o aventureiro religioso a indagar se seguir adiante com a perseguição da onça não poderia, até mesmo, ser uma ofensa a Deus, pois percebera que o local era bastante impróprio para a luta.

O gradiente sensorial da audição vai tomando cada vez mais importância na narrativa do ato ocorrido. Todo tipo de sentimento de medo é exteriorizado pelo padre aventureiro quando está prestes a iniciar a luta e afirma ter ouvido um gemido “rouco e trêmulo, pragas e ameaças misturadas com o ranger dos dentes e um rosar desesperado” (PALMÉRIO, 1974, p. 88). Todos esses sentimentos são dinamizados na narrativa e têm sentido no romance, porque o espaço em que acontece a ação possibilita tal estado psicológico da personagem. Há intertextualidade entre o momento narrado e as escrituras bíblicas quando se refere à questão de ranger dos dentes². É possível, então, notar que pelo contexto haveria naquele espaço um embate, que o

² Lucas, capítulo 13, versículo 28: “Ali haverá grande lamento e ranger de dentes [...]”.

ranger dos dentes de um dos seres seria acentuado, que a dor e o sangue correriam em desatinada luta sangrenta, com muito sofrimento para ambos os gladiadores.

O sentido da água e o caminho para a furna

A água é elemento que exerce papel importante na narrativa “Vila dos Confins”. É possível notar que aparece na obra em várias situações. E no interior da furna não é diferente, pois pelo fato de o buraco ser escuro e de dimensões muito extremas, apresenta um grau de dificuldade considerável se se pensa no perigo que o Padre Sommer correu lá dentro. Bachelard (2013, p. 93) afirma que “a água comunga com todos os poderes da noite e da morte”. Consegue-se então, depreender dessa afirmação o fato de que a furna transforma-se num local cujo ambiente é propício ao desencadeamento de um ato macabro, na medida em que o religioso valente luta com o animal até tirar a vida do mesmo.

À medida que o padre adentrava na loca, durante caça da onça, o espaço se tornava cada vez mais escuro e abafado. A cor predominante nesse contexto é o preto, de forma a implicar o escuro e levar a uma assimilação com as trevas. Além da onça, o paredão de pedra da furna também era preto. Para Palmério (1974, p. 88) “Beleza de animal! Preta, preta como a parede de pedra em que se apoiava”. Assim, a simbologia do preto que converge ao escuro mantém uma relação de proximidade com a escuridão e à morte. Dessa forma,

Do ponto de vista da análise psicológica, nos sonhos diurnos ou noturnos, bem como nas percepções sensíveis no estado de vigília, o preto é considerado como a ausência de cor, de toda luz. O preto absorve a luz e não a restitui. Evoca, antes de tudo, o **caos**, o nada, o céu noturno, as trevas terrestres da noite, o mal, a **angústia**, o inconsciente e a Morte (CHEVALIER; GHEEBRANT, 2012, p. 742, grifos do autor).

Por essa constatação, é possível afirmar que o espaço de lutas em que se encontravam o padre Sommer e a onça converge para o caminho do caos e da angústia, de maneira que apenas um dos dois sobreviverá. O religioso procura o felino e o espera em vigília até que o mesmo se apresenta e a luta acontece.

A água aparece mais uma vez com veemência no texto, funcionando como uma coordenada espacial para os aventureiros que buscavam o garimpo às margens do famoso rio Emburradão. O rio Urucanã descia à direita dos caçadores onde se encontrava o Padre Sommer, os cachorros do padre, de nomes Kurt e Blitz, o Jovino, filho do cearense, e mais três garimpeiros. Se for pensada a questão topoanalítica de que, histórica e simbolicamente, as coisas boas são do direito e as más do esquerdo, é possível fazer uma assimilação de como será o fim da narrativa do ato em questão. Observa-se que de um modo camuflado, as coordenadas espaciais podem também fazer a função de antecipação da narrativa. Segundo a narrativa,

Viajamos nove dias, pelo espigão, acompanhando o rio, que descia à nossa direita. Enquanto subíamos o Caracol, topávamos com sinais largados pelo Cearense: picadas, restos de fogo, borra de café. Quando alcançamos os garimpeiros, era noite, e a fogueira do acampamento deles nos guiou. Cearense já estava de volta e nos contou o acontecido: “[...] Cearense e os companheiros tinham sido assaltados por uma onça preta. A coisa se deu à noite, no acampamento de fogo aceso e sentinela armada” (PALMÉRIO, 1974, p. 78).

A coordenada espacial referente ao lado direito do Rio Urucanã conduz o texto numa perspectiva de que os que estão à direita serão salvos de qualquer mal. Mais uma vez se retorna à questão dos escritos bíblicos, a imagem bíblica em que Jesus Cristo está sentado à direita de Deus Pai³. O padre-aventureiro subia o Caracol. Pode-se entender dessa forma que, para as religiões e crenças ocidentais, geralmente, é entendido que o céu está para cima, para o alto. Há uma dualidade persistente no texto em relação ao sagrado e o profano, ou melhor, entre as coisas do céu e as coisas da terra. O padre é de origem alemã, portanto como fica evidente na narrativa, branco, “puro”, um homem a serviço das coisas de Deus e do bem dos homens. Ele busca exterminar um animal que assaltou seus companheiros e roubou um animal de sela. É interessante salientar que, o animal era de cor preta,

³ Marcos, capítulo 16, versículo 19: "O Senhor Jesus, depois de ter falado com eles, subiu aos Céus e está sentado à direita de Deus".

cor predominante das trevas, e o fato aconteceu à noite, quando tudo fica mais perigoso dentro da mata fechada.

Quando o narrador trabalha com a definição da veia de pedra parecida com a coluna de sustentação de uma igreja para descrever o interior da furna, é perceptível a alusão a um local onde o sagrado detona e mata o profano. Dessa maneira, as questões bem X mal, escuro X claro, Deus X demônio têm uma relevância muito grande no que diz respeito ao estado psicológico que a trama imprime sobre a personagem. E essa pode ser entendida como uma função espacial dentro de uma obra literária. Apresentar, por meio do estado psicológico de uma personagem, o espaço em que ela se encontra e a relação entre ambos.

Como se trata de uma narrativa cujo tema central é a política, faz-se necessário refletir sobre tal questão. Há uma luta entre homem e animal no contexto da história narrada pelo padre alemão. Ao conseguir matar a onça, o “animal racional” consegue impor a hegemonia sobre o “animal irracional” de forma que, ao vencê-lo, o religioso torna-se o ser dominante. O que também remete à luta política na disputa pela prefeitura de Vila dos Confins. Em outras palavras, pelo fato de dispor de poder financeiro e dominar pessoas ligadas ao poder público, Chico Belo usava esses meios para se sobressair na disputa eleitoral e obter êxito. O coronel dominava as pessoas simples, humildes, tanto pela carência de bens físicos quanto por imposição de suas vontades, através dos mandos e desmandos de um delegado de polícia que se encontrava em Vila dos Confins e trabalhava na defesa dos interesses do primeiro prefeito do município recém-emancipado.

Considerações finais

Com efeito, o espaço na obra literária tem fundamental importância para sua tessitura e no desenrolar dos fatos apresentados. Em “Vila dos Confins”, de Mário Palmério, isso não é diferente. A obra é constituída de várias narrativas dentro da própria narrativa, portanto, de narrativas hipodieéticas. É importante salientar que, a história da furna narrada pelo padre Sommer, padre alemão com responsabilidades religiosas pela região dos confins e também o

protagonista da história, ocorre em um espaço comum no interior do país e narra uma luta entre animal e homem.

Com a realização das análises, foi possível compreender que a percepção do espaço se dá através dos sentidos que o homem dispõe. Todos os cinco sentidos são relevantes no contexto de análise de um texto literário e no romance em questão, principalmente na história da luta entre o padre e a onça dentro da fumaça, a utilização desses sentidos pelo aventureiro proporcionam uma dinâmica e astúcia na luta contra a jaguarana. Padre Sommer usa pelo menos quatro dos cinco sentidos inerentes aos seres humanos. Porém, cada ser percebe o espaço à sua maneira.

A água aparece com frequência na narrativa e simboliza, no contexto da história da fumaça, a água da morte e do medo. É necessário lembrar que, na fazenda do Boi Solto, de propriedade de Seu Sebastião, um boi foi atacado por uma suçuri e arrastado para dentro da lagoa. Por isso, como o padre narra a história nessa mesma fazenda, pode-se dizer que há aí um prenúncio de morte.

Conclui-se, assim, que o espaço representado na obra desempenha variadas funções, isto é, situa geograficamente as personagens, antecipa fatos da narrativa e é, muitas vezes, a projeção psicológica das personagens. Através dos sentidos as personagens percebem o lugar no qual estão inseridos e isso produz significados em relação à questão personagem/espaço. A simbologia da água também funciona como produtora de sentido uma vez que propicia várias ações e fatos da narrativa.

Referências

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 2010.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BÍBLIA. Lucas. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução do Centro Bíblico Católico. 116. ed. rev. São Paulo: Editora Ave Maria, 1998. Cap. 13, vers. 2.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura** - introdução a Topoanálise. Franca, SP: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Versão 3.0 CD-ROM.

PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974.

Recebido em: 20/07/15

Aceito em: 20/09/15